

Oceano Pacífico

Mulher dos olhos de musgo
Talhados em rochas de outros mares
Olha a gaivota
Que voa agora eternamente

Olha a gaivota
Que voa límpida
No azul brilhante
E bate as asas p'ra voares
Agora eternamente

No céu fresco do presente
Não há nuvens nem as quero
Para que sintas brilhar o Sol
Nas tuas asas
Eternamente agora...



Reencontro

Avenida marginal
aberta num sonho que não sarou
minha porta para o mar
meu arco lançado
para o ar
para não matar
o voo de cá ficar
partindo

Minha esperança suspeita
meu **raio de sol** entreaberto
'inda bem que cá chegaste
comigo
'inda bem que cá ficaste
partindo



No meu quintal

No meu quintal
Há a paz das águas
Que choram de alegria
A memória das fontes
Tépidas do deserto

No meu quintal
Existe a liberdade dos pássaros
Que cantam, impávidos,
O momento exacto e eterno
Dos deuses

No meu quintal
As laranjas rebentam de oiro
Descansando na força do seu peso
A prova manifesta
Da sua serena existência

No meu quintal
Há verdes de exóticas aventuras
Agarrados ao doce ventre da terra
- Madrasta cálida e bela -
Que os gera sem pudor

No meu quintal
Há também o grito deste sol pungente
Branco lençol de festa
Que se estende de ponta a ponta
Irmanando a planta, a pedra e a pele...

In O Cântico do Silêncio (2008), Portuguese Heritage Publications of California

José Luís Neves Pereira da Silva

The Little Bang

Bang!

I hear the explosion then I see
A yellow sphere hurtling at me
Spinning, spewing, issuing
A translucent spray
In perfect cyclonic symmetry
The look of the Milky Way

Then bang!

Another explosion
The yellow sphere again
Spinning, spewing, issuing its spray
Another cyclonic galaxy
But going the other way

Bang!

Symmetrical Galaxies
Coming, going again and again
Within our other worldly day
Created by women and men
Oh how we like to play

Tennis in the rain

A Pequena Explosão

Pum!

Ouço a explosão e depois vejo
Uma esfera amarela zunindo na minha direção
Girando, lançando, emitindo
Um spray translúcido
Em simetria ciclônica perfeita
A vista da Via Láctea

Depois, pum!

Outra explosão
A esfera amarela de novo
Girando, lançando, emitindo o seu spray
Outra galaxia ciclônica
Mas indo na outra direção

Pum!

Galáxias simétricas
Vindo, indo repetidamente
Dentro do nosso dia mundano
Criado por mulheres e homens
Ai como gostamos de jogar

Tênis na chuva

Chris Smith
Ryan J. Ammerman - Tradução

A minha ilustração

A flor cresceu no planeta que reflete a luz do luar.
Ela esperava o seu amado que prometeu regressar.
O seu olhar está direcionado para a luz, que leva a sua imaginação pelo ar.
E foi assim que a flor aprendeu a
amar!

Esta obra foi produzida originalmente para a ilustração da narrativa de uma colega, mas este projeto evoluiu para uma própria história e um novo contexto.

Comecei por fazer o local da situação que é o espaço. Neste, encontra-se uma personagem presente na obra a "rosa". A rosa está representada como uma mulher com o seu vestido vermelho e protegida por um guarda-chuva que representa a cúpula de que a história fala. A rosa da história nasceu e cresceu na lua, logo achei que o melhor cenário para esta pintura seria a própria lua. As folhas que desenhei representam a imaginação e a esperança que a rosa tinha de que o Príncipezinho iria voltar. Tal como escrevemos e desenhamos as nossas histórias e inspirações no papel, a rosa também as escreveu e desenhou nas folhas que voam para o sol, queimando assim todas as suas esperanças.

O avião de papel simboliza a viagem que o rapaz fez. A inocência da criança é retratada pelo material de que o avião é feito: papel.



Leonor Rocha, 10.º H
Escola Secundária Vitorino Nemésio
Terceira, Açores



Imagem de pintura de Érica Santos, Curso de Técnico de Ação Educativa Profij-Nível IV, 11.º G, Escola Básica e Secundária Armando Côrtes-Rodrigues, de Vila Franca do Campo, São Miguel

Esta pintura foi feita por esta aluna, para oferecer à professora Luciana Raposo, representando a mesma: um pôr-do-sol e o "ser-se livre"!

Érica Santos, 11.º G
Escola Básica e Secundária Armando Cortês-Rodrigues
São Miguel, Açores

O luar

Ando pela estrada.
Os carros passam,
Mas por nenhum deles fui parada.
Nenhum quis perguntar o que se passou.

Olhei para o luar
Sabia que aquilo estava no meu fado
E não valia a pena chorar,
Pois o destino não podia ser mudado.

As passadas já eram lentas...
Aquele ar já era abafado!
Não andava mais que oitenta,
Pois já estava cansado.

Respirar era complicado,
Daí já saber que chegava a hora.
O choro, caía pelo meu rosto delicado,
Mas já era hora de para sempre ir embora.



Micaela Ourique, 10.º G
Escola Secundária Vitorino Nemésio
Terceira, Açores

Análise de uma obra própria

Neste texto, a que dei o nome de “Ela”, falo sobre uma rapariga, ela não tem nome. Ela na realidade nem existe.

Sinceramente, não houve nenhum grande motivo aparente para o escrever. Se bem me lembro, estava cansada de estar nas redes sociais há mais tempo do que gostaria de dizer. Era verão, junho se não me engano. Os dias passavam muito devagar e, se não estava a treinar, estava sem fazer rigorosamente nada.

Foi aí que me lembrei de ler um pouco. Abri as primeiras páginas de um dos volumes da série “Bridgerton” e rapidamente me fartei. Não foi pelo livro ser mau, mas sim porque não me conseguia concentrar.

A única maneira de resolver esse problema era tirar o que me estava a desconcentrar da cabeça. Eu nem sabia o que era, porque não era nada. Pode parecer estranho, mas parecia que tinha outro alguém a matutar no meu cérebro, esse alguém gosta de escrever, pode não ser muito bom no que faz, mas de vez em quando espanta-me. Se calhar é por isso que não consigo fazer bons textos sempre que quero, ou melhor, sempre que essa outra pessoa quer.

Esse alguém que, para explicar melhor, vou referir como “imaginação”, só serve para pôr as ideias no papel, porque quando se vai embora e me deixa sozinha a olhar para um monte de palavras que nem tenho a mínima certeza de onde vieram ou onde as aprendi, reparo que ela errou em muita coisa.

Palavras repetidas, pontos mal postos, frases demasiado estranhas até para um professor de Português sequer perceber. E eu, que também não sei bem como consertar tamanha asneira, fico a olhar, a ver se consigo consertar alguma falha, nem que seja só uma.

“Ela” é o maior exemplo disso. Lembro-me de quando o escrevi, mas, se for pensar de onde veio a ideia inicial, não sei onde me agarrar.

Acho que seria errado ver esta rapariga como algo meu. Prefiro mais que seja vista como uma imagem passageira da minha mente, tal como as nuvens.

É um texto pequeno, que simplesmente descreve uma situação, mas para mim, descreve alguém e a partir deste texto percebi o tipo de pessoa que a “imaginação” me queria criar.

Ela

“Ilha Terceira, nos arredores da Vila das Lajes perto do mar, inverno de 2010

Estava frio, muitíssimo frio. Ninguém ousaria sair à rua num dia destes, aqueles que não trabalhavam, aconchegavam-se nas suas casas, a fazer nada mais do que relaxar. Mas mesmo no meio do frio havia aqueles que se aventuravam e passeavam junto do mar, onde o frio não passa despercebido. Sentada nas paredes de pedra ficava ela. Ela que ninguém sabia o nome, ela que todos conheciam, ela que nunca falava, mas que todos juravam já ter ouvido. O som das ondas soava no ar, a ressalga do mar já se sentia na pele. E ela continuava sentada, como se nada lhe incomodasse. O seu cabelo estava a ser levantado pelo vento, o seu vestido roçava com força nas pedras sempre que uma rajada de ar passava, mas ela não parecia querer saber. E como quem está desinteressado ela levantou a cabeça e olhou para o céu. Ainda era de dia, mas dava para perceber a silhueta da Lua, e como quem quisesse acenar àquela bela forma a anos luz de distância, ela sorriu, um pequeno sorriso como quem diz olá, sem malícia alguma. Ela parecia feliz, ninguém lhe pedia favores, ninguém a ignorava, mas a Lua falava com ela e dizia-lhe que a noite estava para chegar. E com o céu a escurecer, ela levantou-se e partiu deixando aquele lugar sem vida de novo.”

Porque escolhi o ano 2010? Não consigo me lembrar. O sítio é, para quem não conhece, a Caldeira. Era verão, que outro sítio me poderia vir à mente senão o longo caminho que vai dar às piscinas da minha infância.

Mesmo que na Aldeia Nova fosse verão, na Caldeira eu quis que fosse inverno.

Quando pensamos no que disse antes, de que a “imaginação” vinha e depois desaparecia, podemos compará-la com a própria “ela”, que foi até perto do mar apanhar frio e depois foi-se embora.

Também gostaria de referir que, depois de ler de novo este texto, apercebi-me que escrevi algo de que gostei para variar. “Ela” não é ninguém nunca foi, mas já existiu. Existiu durante uns 10 minutos, mas mesmo assim existiu, conseguir passar isso, mesmo que não da melhor maneira, para o papel é algo que goste.

O facto de ter dito que era de dia, mas via-se a lua, e logo abaixo dizer que a lua falava com a rapariga, a dizer que a noite estava para chegar, relembra-me de quando me ponho a olhar para as páginas que a “imaginação” escreve e me perco no tempo.

Esta análise em si é curta, mas gostaria também de referir que não modifiquei quase nada no texto, à exceção de uma ou outra vírgula errada e acredito que ainda tenha muitas, mas penso que reescreveria de maneira diferente este texto.

Se calhar no futuro darei outra forma a “Ela”, gostava de lhe dar um outro fim. Na minha cabeça, esta rapariga nunca mais voltou à Caldeira. Isto é, neste presente que vivo não acho que ela voltaria lá, mas num futuro que viverei posso achar o contrário.

E porque ela não voltaria lá? É bem simples até. Quem daria uma volta só para apanhar frio? Quem tem tempo ou nada para fazer. Já se passaram tantos meses, de certeza que ela já arranjou alguma coisa para lhe ocupar. Também, a Caldeira que escrevi na altura, agora vejo como outro espaço, se calhar a nuvem que passou na minha cabeça era só um pouco de saudade de quando era criança e ia às piscinas, ou talvez do acampamento anual dos escuteiros que lá aconteceu e lá me marcou.

Mas nada disso interessa, porque “Ela” já não existe, ainda não voltou pelo menos. Não creio que voltará, tem de dar espaço a outras ideias para serem passadas para o papel, voltar seria somente egoísta da sua parte.

Esta é uma análise à base do que acho e me lembro, porque a pessoa que escreveu este texto, tal como eu, prefere ver e fazer críticas cheias de teorias, resumos e notas do autor.

E, assim, acabo a análise deste texto, na esperança de quando o voltar a ver, não interessa quando, me possa lembrar de mais o que dizer sobre ele. Se calhar, da próxima vez, serei eu a “Ela”, com tempo suficiente para sair só para apanhar frio e olhar para o céu que é o mesmo que vejo de minha casa.

Inês Santos, 10.º G
Escola Secundária Vitorino Nemésio
Terceira, Açores

Azorean Connection Group



Escola Básica e Secundária Armando Côrtes-Rodrigues



Arte em imagens oferecida pelos alunos da EBS Armando Côrtes-Rodrigues

As alunas da turma G do 11.º ano do curso de Técnico(a) Administrativo, da Escola Básica e Secundária Armando Côrtes-Rodrigues, de Vila Franca do Campo, São Miguel, no âmbito da área curricular Comunicar em Inglês, lecionada pela professora de Inglês, Luciana de Medeiros Raposo, elaboraram livros de histórias infantis, em Inglês e tradução em Português, assim como a ilustração dos mesmos. Os livros, com dez a doze páginas, foram criados “de raiz” pelas alunas em pequenos grupos. Estas criaram as histórias, os personagens, o enredo, a capa e processo de encadernação. Ao longo das aulas, foi demonstrada grande envolvimento e dedicação por parte de todos. Foi um momento de valorização da criatividade e do trabalho sistemático em equipa, bem como de desenvolvimento das competências da produção escrita e da oralidade em Inglês.

No dia 08 de março, os alunos tiveram a oportunidade de receber a turma H do 4º ano, da Escola Básica Professor António dos Santos Botelho, e respetiva professora de Inglês, e apresentar os seus livros com muito orgulho e carinho.

(E pensar que tudo começou com uma folha em branco... O coração está cheio)



As Professoras
Malvina Sousa e Lucina Raposo

Imagens de um livro feito por alunas: Érica Santos, Cária Soares, Sofia Ponte e Tatiana Matos, Curso de Técnico de Ação Educativa Profij-Nível IV, 11.º G.

Este livro chama-se “Who wants to be a hero” / “Quem quer ser um herói” e retrata as questões ambientais que o nosso planeta enfrenta nos dias de hoje. Através da personificação, os vários animais adotam comportamentos de heróis que pretendem salvar o planeta.



Continuação de imagens do livro feito por alunas: Paula Pereira, Laura Correia, Marta Patrício e Sabrina Sousa, Curso de Técnico de Ação Educativa Profij-Nível IV, 11.º G. O livro da bailarina fala de uma menina com um sonho de ser bailarina, mas há alguns aspetos na vida desta que condicionam o seu sonho, já que é surda. As primeira e a segunda imagem correspondem à capa e à contra-capa. A outra imagem exemplifica o cuidado e beleza do interior do livro. Este livro tem como título “Everything is possible” / “Tudo é possível”.



Esta imagem é a do “Cantinho da Leitura”, criada pelas alunas deste curso, para receber alunos do 4.º ano e ler aos mesmos as histórias que tinham resultado desta atividade.



Imagem de Maria Leonor Santos, 7.º B - desenho feito, tendo em pensamento uma pessoa e um traje tradicional português (a aluna gosta de desenhar e foi neste contexto que o desenho surgiu).

ABRIL...

Este silêncio
Sabe o que faz...
Deixa em suspenso
A alma, a paz!

-Cheira a flores,
Murmura... é raiz!
Alicerça valores,
Não se contradiz!

-É grito mudo,
É tempestade,
Revolve tudo,
Sabe a verdade!

-É pensamento,
Guia e conduz,
Faz-se fermento,
Respira, é luz!

-E faz-se luta,
Arma, agitação...
Verdade absoluta,
Que nos segura a mão!

-É grito, é hino!
Cravos na mão,
Sonho de menino...

É... revolução!
-É garra, esperança,
É multidão...

Torna-se herança,
Alimento, pão!

-É o silêncio do povo,
Farto e cansado...
A começar de novo,
E a mudar o fado!

É sonho e vontade...
Oh... poderoso ABRIL!
És LIBERDADE!
Em vozes mil!

O Mar

Creio que foi a minha pessoa,
foi a minha pessoa quem me abriu os olhos para o mar,
e que me dá forças para ainda cá estar.

Eu que tenho olhos azuis em mim,
tenho cá dentro o mar que
só me dá saudade para lá estar.

Quando eu morrer,
quero escutar a voz do mar
para sentir que a minha presença vai lá estar.

No mar queria viver,
pois sei que é onde posso desabafar
e conseguir chorar.

Amar

Amar é um sentimento!

Amar é lidar!

Amar é respeitar!

Amar é o sustento!

Amar é aprender!

Amar é viver!

Amar é assegurar!

Amar é cuidar!

Amar é sofrer!

Amar é saber!

Amar é aguentar!

Amar é suportar!



Nunca

Nunca desista dos seus sonhos!
Nunca quero perder quem mais amo.
Nunca julgue ninguém pela sua aparência.
Quem corre por gosto nunca se cansa, pois continue a correr.
Nunca faça aos outros aquilo que não quer que lhe façam a si.
Nunca demostre amor, o amor mata.
Nunca se sabe aquilo que é suficiente, que basta.
Eu nunca esquecerei as mágoas,
Que surgiram devido ao amor.
Nunca... é nunca!



Adeus

Ao criarmos amizades
Sempre haverá um adeus,
Quanto mais envelhecemos
Mais o adeus se aproxima

Por mais que seja indesejado
É o que está destinado
No futuro ou no presente
Ele aparece certamente

Com lágrimas e sofrimento
Ultrapassamo-lo bravamente
Adeus à infância e inocência
Sempre serão a minha referência!

Adeus...



Amo os teus defeitos

Tantos defeitos que servem de aprendizagem,
Tantos defeitos... Mas o que são defeitos?
Creio que são como vantagens.
Para quem os aponta, transparentemente.
Dentro de mim, habita a pureza de não os apontar,
A humildade de os apreciar...
Mostraste-me os teus defeitos e eu aceitá-los-ei.
Tentaram calar-me, sabe-se lá porquê...
Será que é por não ser como a geração atual
e julgar o que mais aprecio?



Há palavras

Que magoam e outras que me vão ajudar
As que motivam deixam-me lutador
Outras que magoam e deixam-me com dor
Mas há aquelas que te fazem amar

São estas que quero ouvir
Porque me vão fazer sorrir
Porque quando as ouço consigo sentir



Poesia...

A poesia é uma faca de dois gumes.
Para uns, de horrores...
Para outros, de flores.

Mas essas flores fazem sangrar...
E os horrores começam a aliviar.

Para eles, sem poesia querem morrer...
Para mim, a poesia é o que faz viver.
Para eles, a poesia provoca a dor...
Para mim, abafa o terror.

Para os outros, a poesia o mal vai criar...
Para mim, a realidade vai mudar.
Para uns, alterou o seu destino.
Para outros, morreu clandestino...

Nos maiores presentes que Deus veio a dar,
A capacidade de poesia escrever
Veio a se destacar!
Sem ela o que iria fazer?
A criatividade não conseguiria usar.

Será que eles estão errados?
Da realidade, tão deprimidos,
Não faria soar nos seus delicados ouvidos!
Porque são eles tão pouco evoluídos?
Do mundo, tão reprimidos?
Mas, são os poetas que nos dão sentidos!

O último amor

O último amor é como um último suspiro...
um último olhar cintilante...
um último toque suave...
um último sorriso misterioso...

É sentir-se livre, mas também preso;
sentir-se controlado, porém amado;
alguns sentem o coração apertado;
outros não conseguem respirar;
e também há os que começam a delirar;
desistir nunca é a resposta;
Muitos trocam amar com controlar;
Ser impulsivo.
explosivo;
até chega a ser cansativo.

E é por não aprender a cuidar que se torna o último amor.



Coragem

Coragem é o que me falta
Para seguir o meu dia a dia,
Para falar do que eu sinto,
Para ultrapassar os meus medos.

Coragem é uma palavra tão fria
Como os meus sentimentos.
Choro no final do dia,
Com os meus pensamentos.

É uma tolice não conseguir dizer o que sinto,
pois coragem me falta.
E sobre isso não minto!



Segredo

Só sei que existe uma coisa difícil de explicar,
No caso este chama-se Segredo!
Ouvir, guardar, respeitar e ajudar
Este sim é o seu significado.

Olhar com os mesmos olhos,
Como se nada tivesses ouvido
Fazer silêncio
E segurar-lhes as mãos.

Segredo não é amarrar-te,
Mas sim aprender a crescer
Abrir novos caminhos.

Segredo é voar
Junto com outra pessoa!

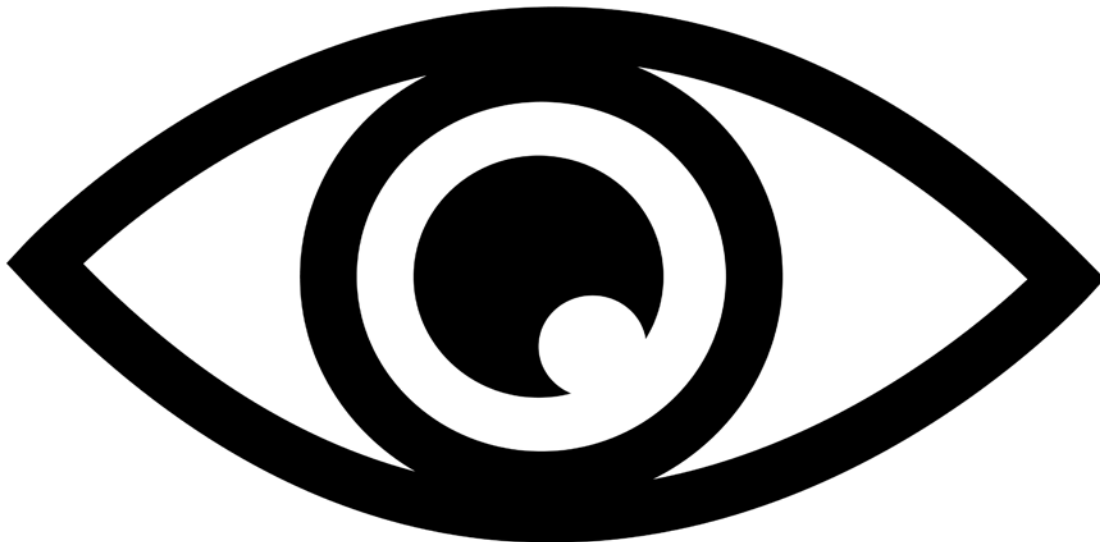


OLHARES

Os olhares tristes e julgadores
podem ser aqueles que te mostram
a realidade que nós vivemos
a dor que presenciamos

Aqueles olhares que nos
Inspiram para a vida
Olhares inocentes e perversos
Aqueles que acabaram de ganhar a existência
E aqueles que não conseguem viver mais

Apaixonados e vingativos
Mas não irás compreender
Porque os olhos conseguem nos dizer
Informações importantes para obter



Ruínas

Estar em ruínas
É um sentimento estranho
Um aperto no peito
Perco minha respiração só de pensar.

Teu toque e teu sorriso que me iludiram facilmente
Quem me dera nunca te ter conhecido
Maldito seja aquele mês de julho
Numa altura tão frágil de uma simples menina.

E eu deixei-te entrar
E destruir-me aos poucos
Até voltar para o sítio em que já estava
Sítio que por pouco tempo se tornou uma casa.

Por mais que tenha partido
Nunca esquecerei daquela sensação
Que me colocou no meio da estrada
Sem rumo, sem caminho, sem chão.

Infelizmente estarei ligada ao passado
Porque um corte leva a uma história
Um corte pequeno, mas profundo e pesado
Que nunca poderá ser escasso

Ó estúpida emoção,
Que precisou perfurar e perturbar
Até não aguentar mais e olhar
E perceber que não estou sozinha.

Eu corri e andei
E finalmente encontrei-me
Mas voltarei para terminar
O que começou no teu olhar.

Sara Rodrigues, 9.º C

Morrer de...

Morrer de doença,
Não se espera que esta apareça,
Espera-se que esta se vença
Para que o doente não desapareça...
Mas para quê tanta sofrença?
Se no fim chora-se como uma criança
Pois já não há mais ninguém que reste?

Morrer de tristeza e dor,
O fraco torna-se lutador,
Chora, pois é sofredor
Que só pensa no terror
Mas, no fim, depois do horror
Torna-se conquistador.

Morrer de saudade,
Pensa-se que é uma maldade,
Mas é apenas uma pequena tempestade
Pois, a seguir, vai-se morrer de felicidade!
Fica-se com um sorriso no rosto, que enche a cidade



Realidade

Era uma vez um cavaleiro,
Que a realidade queria alterar,
Para obter os seus desejos,
Não se importava de lutar.

Ele era muito corajoso
E combateu vários horrores,
Só para ter os seus
Eternos louvores!

Até que, finalmente,
Chegou ao seu verdadeiro destino,
Uma torre gigante
Com um olhar duvidoso.

Pelo que ele viu,
Ela não tinha nada de especial,
Mas quando ele entrou
Não havia nada igual!

Uma sala cheia de ouro,
No centro uma bola de cristal,
Mas ao ir pegar nela,
Teve um pressentimento anormal.

Percebeu por fim,
Que aquilo não podia fazer,
Pois ao alterar a realidade
O caos iria trazer!

A realidade é única
E não é alterável.
Ao alterá-la,
Formaria algo instável!

E tu, que estás aí a ler,
Agarra a verdade,
Pois estes contos de fadas
Estão-te a afastar da realidade!

Vicente Soares, 9.º C

Eternamente

Eternamente perdi-me nesses escombros,
Onde meu pai chorando estava.
Eternamente sentirei esse vazio
Deste olhar tão oprimido

De uma menina nunca compreendida
E de uns pais jamais compreensíveis.
Esta dor de que tanto falo
É a eterna dor de minhas ruínas.

Oh pais, porque com isto fizeram
A vossa filha tão sofrida?
Com vossas decisões perderam
A confiança de vossa filha.

E tu, pai, que tanto prometeste,
Ainda ontem estavas embriagado
No meu peito abriste
O mais profundo abismo.

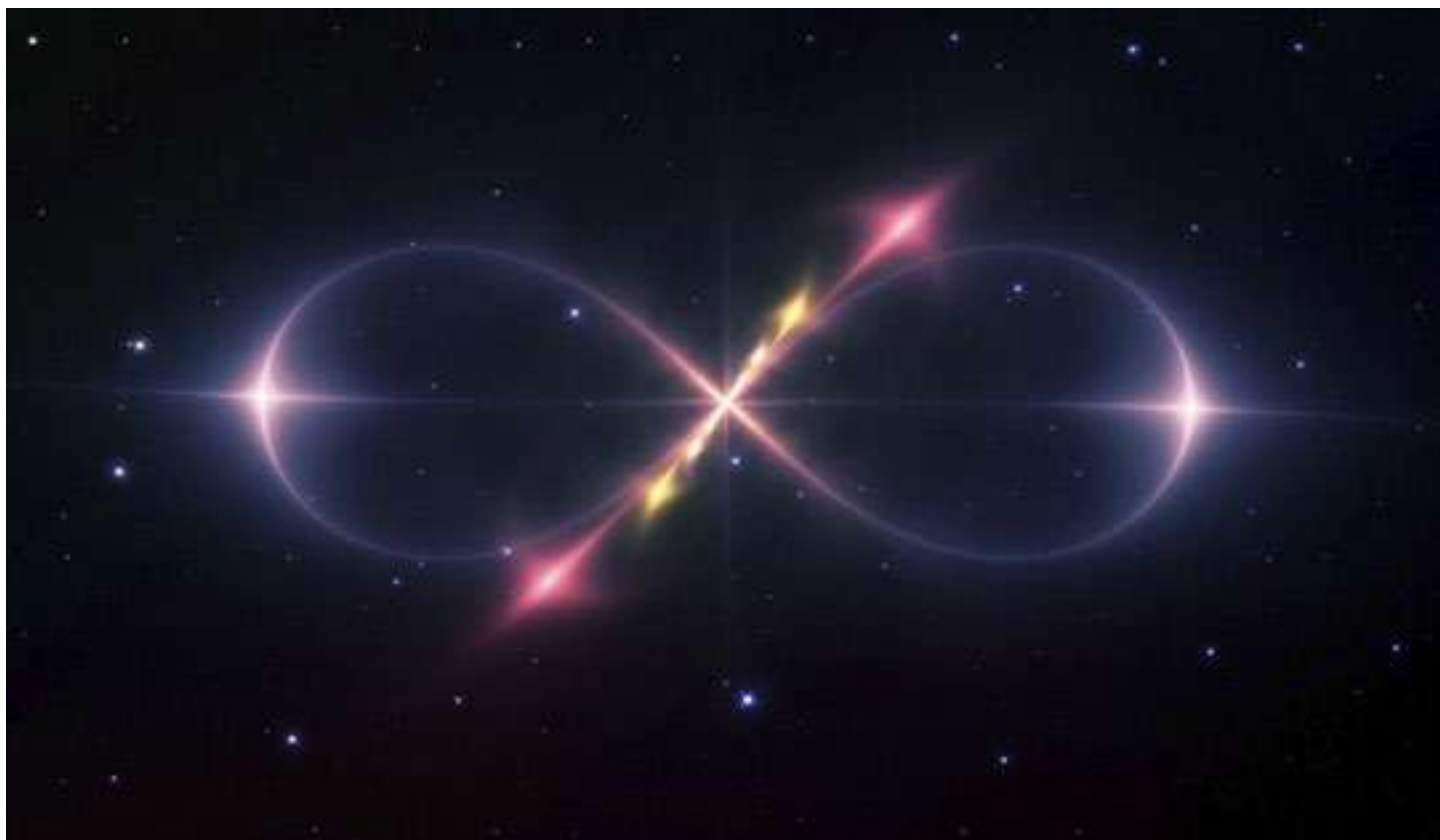
Eternamente

Como se há de ser eterno?
Como do tempo se pode escapar?
O eterno cabe a quem ainda é tenro,
E c'um dia já não o há de acreditar.

Há quem ame eternamente,
Há quem nunca chegue a amar.
Há quem nunca tenha estado contente,
E há quem se saiba alegrar.

O eternamente parte de nós,
O eternamente faz-nos escutar a própria voz,
O eternamente é acreditar no desamarrar dos próprios nós.

Quem vive eterno sabe como há de o viver,
Pois quem é eterno é feliz com o seu próprio ser.
O eterno é um momento que só se vê quando não mais se consegue ter.



Adeus

Quando o sol beija o mar,
Quando os pássaros deixam de cantar,
Quando o céu fica reluzente,
Adeus, manhã, olá, noite intermitente!

Adeus, erva aquecida pelo sol,
Adeus, praias escaldantes,
Adeus, tio Rogério, que está na praça como um farol!

A manhã vai-se mil vezes...
E mil vezes volta,
E o que será se não voltar, agora?

Adeus, é a melhor forma de se despedir...
Sentir, ouvir e talvez sorrir!
Dizer adeus é uma possibilidade de voltar a ver
É olhar para a lua e pensar no amanhecer!

No dia há gente sem se ver
Adeuses falados sem serem ditos...
Por vezes, nos dias há mitos!
Adeuses ditos e não serão mais revistos...

Força

Pedir para encarar a dor,
Nem sempre é encorajador.

Algo que se sente,
Por vezes uma incógnita,
Uma rua inóspita,
Um choro intermitente.

Palavra motivadora,
Muitas vezes utilizada,
Mas poucas vezes interiorizada
E nunca questionada.

Empurrada para a sepultura,
Sozinha numa noite escura,
A mim só me resta a espera,
E, neste instante,
A força murmura.



Segredo

Guarda-me!
Posso ser perigoso,
Posso ser problemático,
Ou será que sou mesmo?

Só tu me conheces,
Só tu sabes de mim,
Só tu tens o privilégio de me ter!
Não me espalhes!
Imploro-te!

Talvez me queiras deixar,
Deixar voar,
Me espalhar,
Te livrar
De mim, algo talvez insignificante até.

Então,
Queres saber quem eu sou?
Não te digo.
É SEGREDO!



MAR

Mar, para mim, é como o meu lar,
Por vezes, sinto-me livre quando nado nele
A ligar a minha mente para poder relaxar
E um dia ser só dele

Quando chega o inverno
Sinto que perco o meu poder,
Falta da sua maresia alta
E o Mar ter de perder

Diferente de família e amigos
Eu tenho de o amar
É um dos meus abrigos,
Ó meu rico mar!



Morrer de

Morrer de amor é como levar uma facada no coração
Sem saber quem foi
Sem saber qual sentimento sentir
Sem saber o que aconteceu.
E, no final, é como ser traído
É como levar um choque
E sentir mil sentimentos
E no final só sentir tristeza.



Ser

Ser vivo o que será?
Será só viver,
Ou será saber apreciar,
Quem saberá?

Só quem realmente vive saberá!
Mas no final, de que adianta?
Mas no final, o que restará?
Só as cinzas de uma alma,
De quem um dia viverá

Se responderes à questão!
Ao menos o assim não será em vão!
Será apenas o começar,
De quem um dia soube sonhar!

